

TRANSCRIÇÃO

ALCIONE ALCÂNTARA GONÇALVES

Entrevistadora: O senhor poderia se apresentar e falar um pouco sobre sua formação e trajetória profissional?

Alcione: Sou Alcione Alcântara Gonçalves. Natural de Macaúbas, Bahia. Filho de Manoel Américo Seixas Gonçalves e Eulina Alcântara Gonçalves. Nascido em 14 de novembro de 1943. Residente aqui em Tupã. Profissão minha é médico psiquiatra, sou também advogado e administrador de empresas, com especialidade em Executivo Hospitalar feito na UNAERP de Ribeirão Preto. Como escritor, eu sou membro emérito da ABRAMES, que é a Academia Brasileira de Médicos Escritores, membro da ABEPEL, a Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias do Rio de Janeiro, membro da ALUBRA, Academia de Luminescência Brasileira. Fui membro emérito da ABRAMIL, Academia Brasileira de Medalhística Militar e membro do MPN, Movimento Poético Nacional, também membro da SOBRAMES, que é a Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Livros publicados: *Viela da Vida*, lançado em Tupã em 2013, data da fundação da ATLECA. Coautor do livro de crônicas: *As Melhores Crônicas do Último Século*, lançada em Porto Alegre em 2006. Coautor de várias antologias e coletâneas. A minha religião é cristã espiritualista. Estado civil: casado. Minha esposa chama-se professora Júlia da Costa Barros Alcântara Gonçalves; tenho três filhos, Maurício, Vinícius e Taísa. A minha formação, como eu já disse anteriormente, é superior e formado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, a primeira escola médica do Brasil. Ela foi fundada por Dom João VI, em 1808, quando chegou aqui no Brasil, na Bahia.

Entrevistadora: Como surgiu a ideia de criar a Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes? Quais foram os sonhos e motivações que levaram o senhor a iniciar esse projeto?

Alcione: Bem, eu sou membro da Academia Brasileira de Médicos Escritores do Rio de Janeiro. Sou membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Sou membro do Movimento Poético Nacional. Sou membro da Academia Brasileira de Medalhística Militar, entre outras. Em contato com os meus colegas de academia: alguns são do interior daqui de São Paulo também, de Jundiaí, de Botucatu, de São José dos Campos, eles me falaram que eu poderia criar uma academia aqui em Tupã e eu já tinha essa ideia de poder, é, deixar aqui um legado pra Tupã. E seguindo o mesmo caminho de Souza Leão, que deixou este Museu para Tupã e região e para o Brasil. Então a ideia foi essa, de criar uma academia literária para a posteridade. Inicialmente eu queria montar uma academia só literária, só de letras, mas o pessoal que já lida com as academias do interior me disse que no interior, normalmente é difícil de encontrar só literatos e me

sugeriu criar, ampliar. Foi aí que nós ampliamos pra Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes, englobando aí os cientistas e os artistas. Aí entram músicos, atores etc. Foi assim, portanto, que nós criamos a academia e agradeço e preciso deixar aqui o relato de que foi o prefeito Manoel Gaspar que colocou à disposição, à minha disposição, a Secretaria de Cultura do município para me dar todos os dados necessários para a fundação da academia. Nós nos reuníamos lá no salão da Biblioteca Municipal e, como a Secretaria de Cultura tinha uma relação de autores de livros, de cantores, de atores, de pintores, nós começamos a reuni-los às tardes lá no salão da Biblioteca Municipal e começamos a conversar sobre a fundação da academia. Depois de algumas reuniões realizadas, chegamos à conclusão de que já poderíamos fundar a academia. E assim foi que nós criamos no dia 14 de novembro de 2013, a academia e o prefeito Manoel Gaspar esteve presente na solenidade de fundação, junto com outras autoridades, e após a fundação, nós tivemos um jantar festivo. Portanto, nós queremos deixar aqui imortalizado o nome do prefeito Manoel Gaspar que nos proporcionou a criação desta academia. Eu sigo sempre, a nossa academia seguiu o exemplo da Academia de Letras do Brasil, a ABL, e baseada, que foi, na Academia Francesa de Letras. A Academia Brasileira de Letras do Brasil ganhou da França uma sede lá no Rio de Janeiro, que é uma réplica do *Petit Trianon*. Eu, como sempre, sou sonhador e espero que também aqui em Tupã nós tenhamos um prédio pra poder guardar as memórias literárias, científicas e artísticas. Uma biblioteca onde as pessoas possam ir para estudar, discutir e fazer reuniões. Foi assim, portanto, a nossa fundação e o surgimento da academia, que neste ano (2026), completa treze anos.

Entrevistadora: Qual é a importância da literatura para a preservação da memória de Tupã e como a ATLECA realiza esse trabalho em suas atividades?

Alcione: Então, a literatura é básico, é uma forma de registrar, como eu já disse antes aqui, aquilo que nós somos, aquilo que nós fazemos e aquilo que seremos no futuro. Porque nós poderemos, portanto, vaticinar para o futuro e a academia literária como uma entidade que prima pelas Letras, pelas Ciências e pelas Artes, vai ficar pra Tupã esta memória. Eu também já disse que o Souza Leão, quando fundou o Museu, ele sabia que ia deixar pra Tupã uma memória que não iria se apagar. Então, nós também queremos, como que eu disse já, conseguirmos uma sede pra poder imortalizar a academia, onde possam ser guardados a nossa biblioteca e tudo que a academia já fez até agora nesses treze anos. Nós reunimos mensalmente, toda segunda quarta-feira do mês, em um local onde nós fazemos palestras, discutimos sobre a literatura e onde fazemos também uma tertúlia literária, onde os seus, os acadêmicos trazem os seus poemas, as suas poesias para ser lidas e trazemos também pessoas para fazer palestras, as palestras sobre os temas mais amplos possíveis. E assim nós fazemos todos os meses ininterruptamente reuniões literárias, científicas e artísticas.

Entrevistadora: Como o senhor compreende a relação entre a ATLECA, o Museu Índia Vanuíre e os povos indígenas da região? De que maneira essa aproximação contribui para a memória, a literatura e a identidade local?

Alcione: Dentre as características de integração, eu fiz aqui um breve resumo sobre a memória, literatura e identidade. “A ATLECA e os povos indígenas na construção de uma cultura viva”. A reflexão sobre a relação entre a Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes (ATLECA) e os povos indígenas da região de Tupã, impõem-se como um gesto de consciência histórica, de sensibilidade cultural e de compromisso com a verdade das origens. Não se trata apenas de uma aproximação institucional, mas de um reencontro com as raízes mais profundas da identidade brasileira. Antes mesmo da fundação de Tupã, por Luiz de Souza Leão, esta terra já era habitada por povos originários, detentores de uma rica tradição oral, de saberes ancestrais e de uma relação harmônica com a natureza. Povos como os Kaingang, Krenak, Guarani e Terena, não apenas viveram aqui; eles deram sentido a este território, imprimindo nele marcas culturais que resistem ao tempo. Nesse contexto, destaca-se o papel fundamental do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, instituição que se consolidou como guardião da memória indígena regional. Sob a gestão da ACAM Portinari e com a liderança da professora Tamimi David Rayes Borsatto, o Museu transcende a função expositiva, tornando-se um espaço vivo de diálogo, pesquisa e valorização das culturas indígenas. A presença constante de representantes indígenas no Museu, promovendo palestras, oficinas e exposições, transforma o espaço em um verdadeiro território de escuta. Ali, o conhecimento não apenas é apresentado: ele é partilhado, vivenciado e respeitado em sua origem. É nesse ponto que a ATLECA encontra uma de suas mais nobres missões: reconhecer que a literatura não se limita ao texto escrito. A literatura indígena, em sua essência, é oral, simbólica, coletiva. Ela se manifesta nos mitos, nas narrativas de origem, nos cantos, nos rituais e nas práticas cotidianas. É uma literatura viva, que pulsa na memória dos povos e se renova a cada geração. Ao estabelecer um diálogo com o Museu Índia Vanuíre e com as comunidades indígenas, a ATLECA amplia seu próprio conceito de literatura. Passa a compreender que escrever também é ouvir, que narrar também é preservar e que a palavra, quando partilhada com respeito, torna-se ponte entre mundos. Essa parceria promove um aprendizado mútuo. De um lado, a academia literária contribui com seus instrumentos de registro, reflexão e difusão. Do outro, os povos indígenas oferecem uma visão de mundo pautada na coletividade, na espiritualidade e no equilíbrio com a natureza, valores que cada vez mais necessários à sociedade contemporânea. Do ponto de vista cultural, essa integração fortalece a identidade regional. Tupã não é apenas uma cidade do interior paulista, é um território de encontros, onde o passado e presente dialogam continuamente. A proximidade com a Terra Indígena Vanuíre, localizada no município de Arco-Íris, reforça essa convivência histórica e cultural. Do ponto de vista literário, abre-se um campo fecundo para a produção de novas obras inspiradas na temática indígena, mas, sobretudo,

comprometidas com a escuta e o respeito às vozes originárias. Não se trata de falar sobre os indígenas, mas de falar com eles, ou melhor ainda, de criar espaços para que falem por si. A entrevista a ser registrada para a memória do Museu Índia Vanuíre representa, portanto, mais do que um depoimento. É um marco simbólico dessa integração. Nela, a ATLECA reafirma seu papel como instituição que não apenas cultiva a literatura, mas que também preserva a memória, promove o diálogo intercultural e contribui para a construção de uma sociedade mais consciente de suas origens. Ao final, o maior aprendizado dessa parceria talvez seja este: a verdadeira cultura não se impõe, ela se constrói no encontro. E é nesse encontro entre a palavra escrita e a palavra ancestral, entre a academia e a aldeia, entre o passado e o presente, que se desenha o futuro de uma literatura mais humana, mais plural e mais verdadeira. Tupã, assim, não é apenas um lugar no mapa. É um espaço de memória viva, onde as vozes indígenas continuam a ecoar, ensinando-nos a ler o mundo com outros olhos e a escrever a história com mais justiça. A integração entre o Museu Índia Vanuíre e a Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes (ATLECA) e os povos originários, revela-se como um encontro fecundo em três dimensões fundamentais do conhecimento humano: a científica, a artística e a espiritual, todas enraizadas na experiência viva da cultura indígena. Assim, a integração entre o Museu Índia Vanuíre e a ATLECA não é apenas institucional, mas essencialmente epistemológica e cultural. Trata-se de reconhecer que o saber indígena científico, artístico e espiritual constitui um patrimônio vivo, que dialoga com o conhecimento acadêmico e o enriquece. Essa aproximação promove não apenas a preservação da memória, mas também a construção de uma consciência mais ampla, onde diferentes formas de saber coexistem, se respeitam e se iluminam mutuamente. Em síntese, essa integração nos ensina que conhecer é também respeitar e que a verdadeira cultura nasce do encontro entre as tradições, olhares e experiências. Todos voltados para a compreensão e valorização da vida em sua plenitude.

Entrevistadora: O senhor produziu algum texto ou poema em homenagem aos povos indígenas que gostaria de compartilhar?

Alcione: Eu queria aproveitar, já que falamos em literatura e em poesias, de trazer para vocês aqui, eu fiz um poema. “Dia do índio ou dos povos indígenas?” Já não se diz índio, outrora imposto, eco de engano vindo da além-mar, nome nascido ao acaso, ao desgostar de um mundo visto sobre olhar suposto. Chamá-los índios foi rótulo apostado que apaga vozes, tenta uniformar, mas são nações a pulsar e a guardar saberes mil. Em tempo nunca exposto, povos indígenas, assim se diz, plural que honra a origem e a raiz, que reconhece a história e a identidade, não são do passado, vivem o presente. Guardam a terra, o sagrado e a gente e ensinam ao mundo o valor da verdade. No 19 de abril, mais que lembrar, é tempo de ouvir, de ver, de respeitar, pois nomear bem é gesto de dignidade. E um segundo poema que eu coloquei e titulei “Dia dos povos indígenas”. Não mais o nome imposto por engano antigo, que viagem de Cristóvão Colombo legou

na voz do invasor, mas o nome que brota da terra e do abrigo, indígena, raiz viva, memória e valor. No calendário erguido pela lei recente, surge a data em respeito e renovação. Lei nº 14.402, de 2022, ecoa firme, consciente, reconhecendo povos, cultura e nação. São muitos os cantos, as línguas, os ritos, tecidos na mata, no rio, no chão. Não cabe em baldes, nem termos restritos, mas vivem diversos em comunhão. Do arco que vibra, a arte que ensina, do canto ancestral, a ciência do ser guardam saberes que o tempo ilumina e ensinam ao mundo outra forma de ver. E a voz de Joenia Wapichana se eleva na história como flecha da justiça e afirmação dos povos primeiros desta imensidão. Que neste dia não haja sua lembrança, mas respeito vivo, direito e ação, pois cada cultura é chama e esperança na grande alma indígena da nação. E assim, sobre o céu do Brasil que se expande entre florestas, serras e mar, o indígena vive, resiste e comanda o próprio destino de existir e lutar. Eis, portanto, uma homenagem que eu fiz aos povos indígenas que foi apresentado na nossa reunião da Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro.

Entrevistadora: O que representa a parceria entre a ATLECA e o Museu Índia Vanuíre? Que mensagem o senhor gostaria de deixar ao público e às pessoas interessadas em participar da Academia?

Alcione: Eu queria agradecer pelo convite que o Museu me fez através da professora Tamimi Rayes Borsatto, que, por sinal, é membro benemerita da Academia Tupãense de Letras. Ela que nos apoia muito porque nós temos aqui a oportunidade de usar o salão nobre pra realizarmos nossas reuniões festivas literárias. Então é um agradecimento que eu faço desta parceria entre Museu Índia Vanuíre e a Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes. Muito obrigado a este Museu e a todos vocês que aqui militam, labutam. Portanto, fica o meu obrigado a vocês. E o convite pra aqueles que vão nos ouvir de que a academia precisa dos literatos, dos cientistas e dos artistas. Vocês estão convidados a comparecer às nossas reuniões e aqueles que são artistas, literatos e os que fazem da literatura um uso, que possam vir até a academia pra se tornar um dos membros dessa academia. Nós precisamos de vocês, juntos, pra que a academia não desapareça. Essa academia precisa permanecer como permanecem outras academias, das quais eu faço parte pelo Brasil afora.